



Destaque Rural Nº 154

21 de Fevereiro de 2022

**TRANSFORMAÇÃO ESTRUTURAL DA ECONOMIA
(1991-2020):
TRÊS DÉCADAS A MARCAR O PASSO**

Yara Nova e João Mosca¹

1. INTRODUÇÃO

O presente texto é parte dos resultados da pesquisa sobre transformação estrutural da economia e da agricultura em curso no Observatório do Meio Rural, durante o ano de 2022. Para além do texto final, serão produzidos pequenos trabalhos sobre aspectos específicos do tema. O estudo abrange o período 1991 a 2021, o que permite analisar as tendências das principais variáveis relacionadas com o tema. Foram utilizadas fontes secundárias do Instituto Nacional de Estatística (INE). Neste texto, é analisada a evolução da composição do PIB e, de forma mais detalhada, do sector da agricultura que inclui a agricultura, a pecuária e a silvicultura. Em anexo encontram-se tabelas onde é apresentada a evolução da produção em valor e em percentagem do PIB.

De forma breve, entende-se por transformação estrutural como a mudança, a longo prazo, do peso relativo (percentual) dos sectores da economia no PIB, cuja evolução depende de múltiplos, factores, como o investimento e a tecnologia, a formação e qualificação do trabalho, o papel dos empresários e suas organizações representativas, os mercados e a reconfiguração das cadeias de valor que, segundo determinadas políticas económicas e públicas, alteram o tamanho das explorações e o emprego, a produtividade e o rendimento produtivo e do trabalho, a composição e lógicas produtivas e dos sistemas de produção, entre outros aspectos.

Este processo é simultâneo com evoluções de outros sectores, sobretudo da indústria manufacturera e extractiva e dos serviços, que exercem entre si múltiplas relações intersectoriais, assim como da política e do contexto macroeconómico. Historicamente, a agricultura transforma-se impulsionada pela industrialização e, em algumas realidades, pelos serviços, que absorvem trabalho fazendo crescer as urbes e o aumentam a demanda de alimentos produzidos por um decrescente número de explorações e de produtores,

¹ Yara Nova, licenciada em Economia e mestre em Economia e Políticas Públicas e assistente de investigação no OMR. João Mosca, Doutor em Economia e Sociologia Rural, pesquisador do OMR.

provocando o aumento da eficiência dos factores, maior produtividade do trabalho, da terra e de animais e um menor número de explorações, mas mais tecnificadas.

2. BREVE CONTEXTO

Desde o período pós-guerra civil que a economia de Moçambique é afetada por uma porosidade económica, isto é, uma economia com fraca capacidade de retenção e/ou absorção de excedentes (Castel-Branco, C., N. (2015); e Mandlate, Oksana (2017). Esta afirmação tem como base as taxas de crescimento anual do PIB entre 1991 e 2015, com uma média de pouco mais de 7%, mas este crescimento pouco se traduziu em desenvolvimento económico e melhoria do padrão de vida da população.

A década 90 foi caracterizada por tentativas de recuperação da economia pós-guerra civil, com base na estabilização de indicadores macroeconómicos (inflação, taxa de juros, oferta monetária e taxa de câmbio), e um processo de liberalização económica que conduziu, à desindustrialização da economia² (Mosca, 2005).

Foi neste mesmo período que surge um crescente interesse de investidores externos na exploração intensiva de recursos naturais (gás, minerais, florestas e algumas *commodities* agrícolas – tabaco, algodão, oleaginosas, banana) para exportação. Com a liberalização da economia, deu-se uma intensificação do IDE em contexto de uma estrutura económica de base fraca, dependente de recursos externos, pouco produtiva e pouco desenvolvida tecnologicamente e poucas ligações com o sector produtivo nacional. Internamente, o IDE demandou serviços básicos ou complementares (por exemplo: transporte e comunicação, serviços financeiros, comércio, imobiliários, restauração e construção/reabilitação de infraestruturas), justificando assim, de forma importante, a crescente contribuição do sector terciário na formação do PIB (Miquidade, 2018; e De Brito, L., 2017).

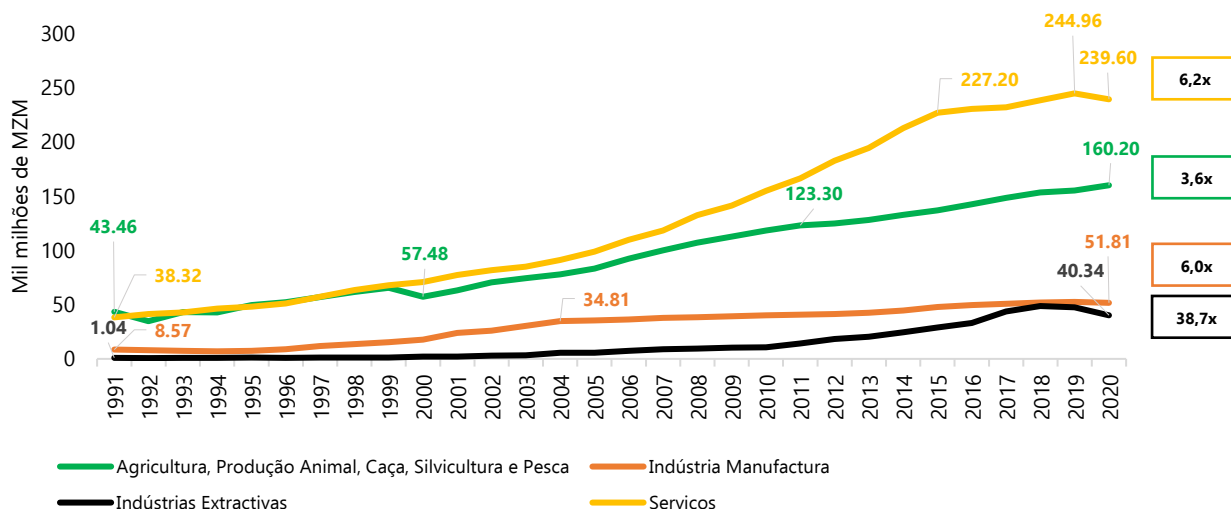
Nos últimos seis anos (2015-2021) verifica-se uma desaceleração da economia, tendo-se registado uma taxa de crescimento médio anual de 3,1%, tendo sido negativo em alguns anos. Neste período, a economia nacional é caracterizada por um padrão de acumulação sectorial e espacialmente concentrado e numa dinamização do conjunto da economia, assente na exploração de hidrocarbonetos e de *commodities* agrícolas com destino à exportação, que totalizam na maioria do período, em mais de 70% das exportações (Bruna, N., *et al.*, 2021).

² Segundo Castel-Branco *et al.* (2015), na década de 1990, dez indústrias, metade das quais de substituição de importações, praticamente desapareceram ou perderam relevância, nomeadamente a de ferro e aço, equipamento eléctrico e não-eléctrico, cerâmicas, vidro, processamento de petróleo e derivados, copra, sisal, chá e processamento de castanha de caju. Entre 1994 e 2004, mais de metade das pequenas e médias empresas industriais privadas domésticas encerraram ou foram transformadas em armazéns.

3. ANÁLISE DE DADOS

Gráfico 1

Evolução do PIB dos principais sectores económicos, a preços constantes (2014=100)



Fonte: INE.

Nota: O sector de serviços é constituído por comércio, construção, transportes e armazenagem, imobiliária, serviços financeiros, alojamento e restauração, produção e distribuição de electricidade e gás, captação, tratamento e distribuição de água. A indústria manufactureira inclui a produção de alumínio.

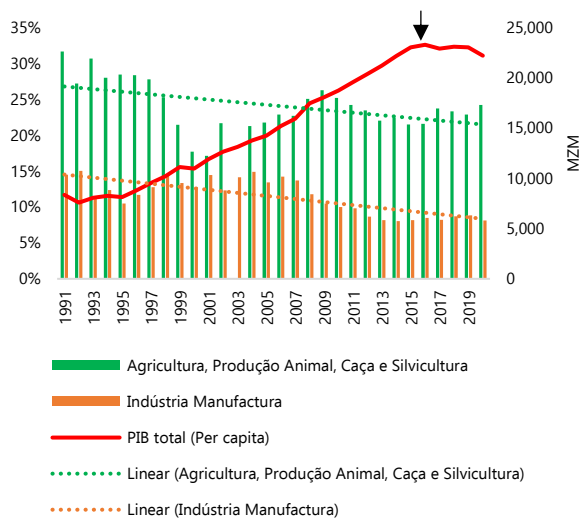
Apesar das variações ao longo do período, é inequívoco que o sector terciário (serviços) e o da agricultura (e seus subsectores) são os que mais contribuem para a produção nacional. Contudo, dos sectores analisados, a agricultura foi o que menos cresceu (em apenas 3,6 vezes). Observa-se que, os sectores indústria extractiva e serviços apresentam um crescimento de 6,2 e 38,7 vezes, respectivamente.

As mudanças dos ritmos dos crescimentos da indústria manufactureira coincidiram com a entrada em funcionamento dos investimentos da MOZAL (1998 e 2001³) e da indústria extractiva em operação de investimentos em carvão (2012) e florestas.

³ A Mozal teve a sua implementação de forma faseada, tendo a primeira fase sido implementada em 1998 e 2001, onde se realizou a instalação do equipamento e início da produção. E a segunda fase ocorreu em 2001 a 2003 onde se ampliou com objectivo de duplicação da produção (Langa e Mandlate, 2013).

Gráfico 2

Evolução da contribuição do sector da agricultura (e seus subsectores) e indústria manufactureira no PIB e do PIB per capita total

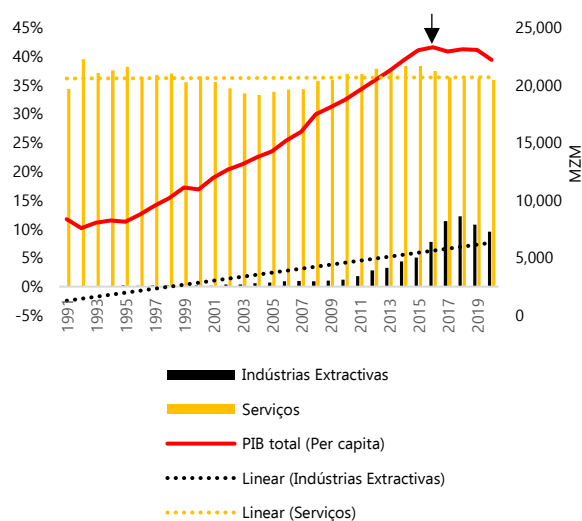


Nota: Para melhorar a visibilidade do gráfico optou-se por passar para a segunda escala o PIB per capita total.

Fonte: INE.

Gráfico 3

Evolução da contribuição do sector da indústria extractiva e sector de serviços no PIB e do PIB per capita total



Nota: Para melhorar a visibilidade do gráfico optou-se por passar para a segunda escala o PIB per capita total.

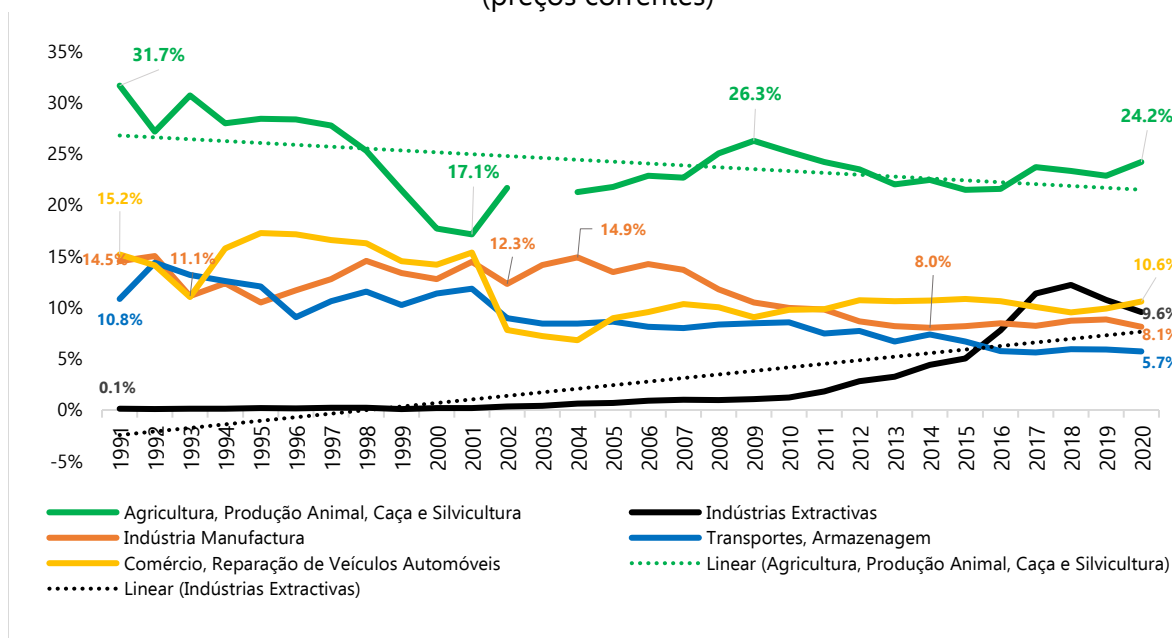
Fonte: INE.

No gráfico 2 observa-se, a partir das linhas de tendência, que a contribuição do sector da agricultura (e seus subsectores) e da indústria manufactureira tem decrescido.

O PIB *per capita*, apesar de apresentar uma tendência crescente, tende a decrescer a partir de 2015.

Relativamente ao gráfico 3, constata-se que o sector de serviços não apresentou variações significativas ao longo do período, tendo uma tendência relativamente linear. Pela linha de tendência, o sector da indústria extractiva é o que apresenta uma tendência crescente na formação o PIB, mas, nos últimos três anos, verifica-se uma redução da sua participação na produção nacional. Esta redução está relacionada com a redução da produção e exportação de carvão.

Gráfico 4
Evolução da estrutura percentual em relação ao PIB dos principais sectores económicos (preços correntes)



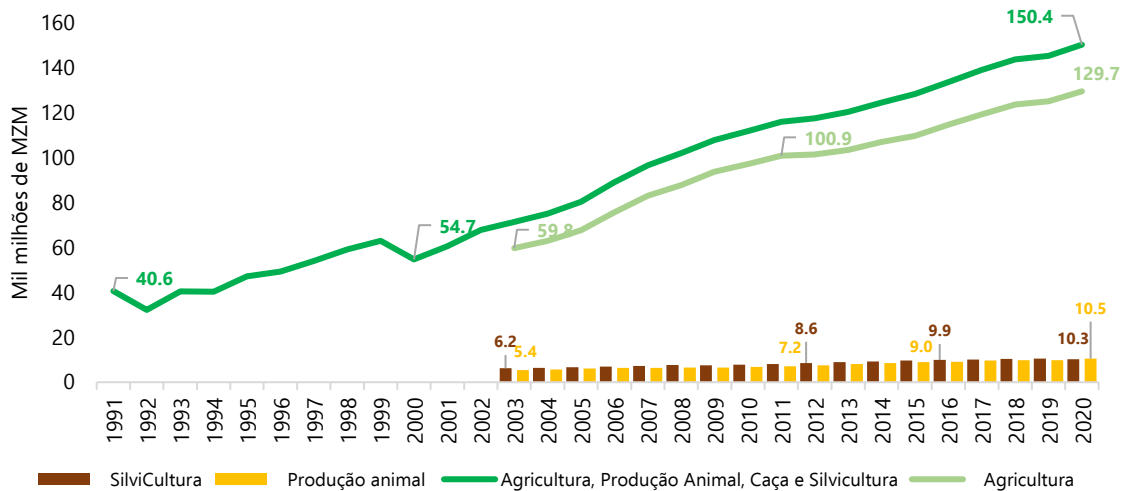
Fonte: INE.

O gráfico 4, mostra que o sector da agricultura (e seus subsectores), embora tenha sido o que menos cresceu (conforme o gráfico 1), é o que mais contribuiu para a formação do PIB. A linha de tendência indica uma diminuição dessa importância relativa.

Apesar da linha de tendência apresentar um crescimento da indústria extractiva, este sector teve taxas de crescimento decrescentes a partir de 2018, de 12,2% para 9,6% em 2020.

Gráfico 5

Evolução do PIB do sector agro-pecuário, a preços constantes (2014=100)



Nota: Não existem dados disponíveis do PIB desagregado por subsector agricultura, silvicultura e produção animal no período de 1991-2002.

Fonte: INE.

Ao analisar o gráfico acima, é evidente que a agricultura possui uma maior participação na formação do PIB deste sector, apesar dos subsectores da produção animal e silvicultura apresentarem uma tendência crescente.

O crescimento do subsector da agricultura está relacionado com a produção de alguns bens alimentares (milho, mandioca, hortícolas) e bens de exportação (tabaco, açúcar, algodão e oleaginosas).⁴

Observa-se que a produção animal e a silvicultura apresentam tendências crescentes. Os efectivos de gado bovino e caprino e a avicultura industrial têm crescido, bem como a exploração de produtos madeireiros para consumo nacional (carvão e construção) e para exportação.⁵

⁴ Esta informação será detalhada num dos próximos textos desta série de Destaques Rural.

⁵ Ibidem.

4. RESUMO

Em geral, com base nos dados apresentados, constata-se que:

- Embora se verifique uma tendência crescente dos principais sectores da economia ao longo da série analisada, nos últimos cinco anos a economia moçambicana foi caracterizada por uma desaceleração (ver os indicadores PIB por sectores e sua contribuição e PIB *per capita*), podendo estar relacionada a um conjunto de factores, como por exemplo: a crise das dívidas (2015), crise da covid-19 (2020), e sucessivos eventos climáticos (2019-22);
- O sector da agricultura e seus subsectores, apesar de apresentarem um crescimento menor em relação ao crescimento dos outros sectores da economia, continua sendo o que possui maior participação na formação do PIB (24,2% em 2020);
- Verifica-se uma mudança de tendência no sector indústria extractiva (carvão, areias pesadas e gás), assistindo-se a uma redução rápida, a partir de 2018, devido ao desinvestimento do mineradora Vale Moçambique na exploração de carvão que tinha uma participação significativa na produção nacional;
- A indústria extractiva, depois da primeira década, teve um grande crescimento e peso no PIB, resultantes de investimentos externos em recursos naturais (carvão, gás, rubis e areias pesadas e em florestas)

Em três décadas, não existiu nenhuma transformação estrutural da economia. A natureza subdesenvolvida foi aprofundada com a desindustrialização, assistiu-se ao crescimento dos serviços às multinacionais extractivistas de recursos naturais e agricultura, a manutenção do peso do sector da agricultura e a dependência do investimento externo, aumentando a natureza extrovertida da economia.

Estas são, em síntese, as constatações que se podem retirar deste trabalho. Outras considerações de natureza geral sobre a evolução da economia nos últimos 30 anos, serão obtidas nos próximos textos.

BIBLIOGRAFIA

BRUNA, N., *et al.* (2021). *Para além do gás e carvão: créditos de carbono na corrida extractivista aos recursos naturais em Moçambique*. Destaque Rural, nº 135. Observatório do Meio Rural.

CASTEL-BRANCO, C., N. (2015). *Capitalizando o capitalismo doméstico porosidade e acumulação primitiva de capital em Moçambique*. Desafios para Moçambique 2015. IESE, Maputo.

CASTEL-BRANCO, C., N. *et al.* (2015). *Dilemas das ligações produtivas entre empresas numa economia afinilada*. IDeIAS, nº76, IESE, Maputo.

DE BRITO, L. (2017). *Moçambique: de uma economia de serviços a uma economia de renda*. IDeIAS, nº13, IESE, Maputo.

MANDLATE, Oksana (2017). *A bolha económica moçambicana e o papel da porosidade económica na absorção dos recursos externos*. Desafios para Moçambique 2017. IESE, Maputo.

MIQUIDADE, M., P., F. (2018). *A Implantação de Empresas Multinacionais em Moçambique: Uma Reflexão Sobre o Contributo da Responsabilidade Social Corporativa da Mozal no Desenvolvimento Económico*. Dissertação para obtenção do grau de licenciado no Instituto Superior de Relações Internacionais (ISRI).

MOSCA, João (2017). *Agricultura, diversificação e transformação estrutural da economia*. Observador Rural, nº47. Observatório do Meio Rural, Maputo.

MOSCA, João (2021). *Transformação estrutural da economia, 2000-2020: rumo a mais subdesenvolvimento*. Destaque Rural, nº123, Observatório do Meio Rural, Maputo.

MOSCA, João (2005). *Economia de Moçambique século XX*. Instituto Piaget, Lisboa.